

## ENTRE O POSSÍVEL E O IMAGINADO: CONTROLE SOCIAL, FICÇÃO E REALIDADE<sup>1</sup>

Nivaldo CORREIA DA SILVA\*

**Resumo:** Este texto pretende examinar, brevemente, a contribuição do romance ficcional ao desvendamento das relações humanas, envolvendo o uso do controle social sobre determinados grupos e manifestações definidas como violentas. Utiliza a definição de controle como mecanismo de poder disciplinar Foucault (2001) para examinar, comparativamente, por meio do livro de Willian Golding *O senhor das moscas*, a relação entre modelo de socialização baseado no homem branco europeu e os limites desta proposta em contextos diferentes. Preso a circunstância da necessidade da pura sobrevivência e da disputa intransigente pelo poder, como no romance, o que era tido como protótipo civilizador, escorrega no labirinto instintivo da selvageria. Inserido na realidade de uma sociedade abissalmente desigual, como a brasileira, esse modelo revela-se classificador e excludente. O objetivo central do artigo é o de trabalhar a fina relação entre ficção e realidade sob o ponto de vista do impacto de seus significados para a interpretação sociológica da sociedade.

**Palavras Chave:** romance de ficção; controle, exclusão.

## BETWEEN THE POSSIBLE AND IMAGINED: SOCIAL CONTROL, FICTION AND REALITY

**Abstract:** This text intends to briefly examine the contribution of the fictional narrative to the unveiling of human relationships, involving the use of social control upon certain groups and demonstrations defined as violent. We use

---

<sup>1</sup> Este texto é uma resenha crítica que fiz, a propósito de sua publicação na Revista TOPOS do Departamento de Planejamento, Urbanismo e Ambiente da Faculdade de Ciências e Tecnologia da UNESP – Presidente Prudente.

\* Endereço eletrônico: [nivaldocs@hotmail.com](mailto:nivaldocs@hotmail.com). Professor de sociologia e história da educação das Faculdades UNIESP - Presidente Venceslau e UNIFADRA – Dracena.

the definition of control as a mechanism of disciplinary power Foucault (2001) to examine, comparatively, through the work of William Golding *Lord of the flies*, the relation between the socialization pattern based on the European white man and the limits of this proposition in different contexts. Bound to the circumstances of the necessity of sheer survival and the intransigent struggle for power, as in the narrative, which was considered the civilizing prototype falls into the instinctive labyrinth of savagery. Into the reality of an abysmally uneven society, as the Brazilian one, this pattern becomes classifier and excluder. The main objective of this article is to deal with the subtle relation between fiction and reality, from the point of view of the impact of their meanings to the sociological interpretation of the society.

**Keywords:** fictional narrative; control, exclusion.

## 1. Introdução: O “Mito” fundador da ordem

Existem diferentes maneiras de se compreender o sentido da palavra controle, assim como há várias formas de se classificar manifestações de violência ocasionadas por atitudes definidas como perigosas. Seja de uma ou de outra maneira, toda sociedade constrói mecanismos de controle para o que ela julga e define como ameaça à ordem estabelecida. Meu objetivo neste texto é o de compreender o sentido prático do conceito de controle social me apoiando em exemplo construído pelo romance de ficção. O interesse por este tipo de análise surgiu da constatação de que há uma atitude interessada das classes dominantes em enquadrar a recusa às instituições por segmentos das classes populares no contexto da vida social brasileira, como crime contra a ordem pública. Em outras palavras, é comum no Brasil os descontentamentos sociais em razão da carestia, do desemprego, da falta de moradia serem assistidos como ameaça ao sistema instituído. Do presidente Washington Luiz saiu a histórica frase de que os problemas sociais deveriam ser resolvidos como caso de polícia. E de onde vem esta concepção de mundo que enquadra as manifestações populares como ameaça à ordem pública?

Considero que por trás da tentativa de construção de uma sociedade idealizada sob o princípio da *ordem* e do *progresso*<sup>2</sup>, passado e presente,

---

<sup>2</sup> Expressões escritas no círculo central da bandeira nacional brasileira de corte positivista, adotado pelos militares no contexto da proclamação da República, em 1889.

estão vivas as relações de poder construídas sob o signo da classificação e da exclusão. Idealização nascida de um padrão socializador baseado na experiência cultural surgida do processo colonizador europeu que se perpetuou e se faz vivo e presente em nossos dias. Razão pela qual em um passado não muito distante as greves operárias, mobilizações estudantis e, ainda recentemente, os movimentos sociais de luta pela terra, manifestações religiosas africanas como o candomblé, a umbanda são vistas como ameaças que devem ser vigiadas e controladas como medida de segurança e garantia da “paz social”. Tais propósitos poderiam me levar a uma extensa discussão a respeito de temas de ordem política e social, contudo, meu objetivo é bem simples. Embora pareça ser uma aproximação distante entre o processo colonizador e a concepção de ordem das elites brasileiras, me parece interessante a busca de ligação entre a temática de ficção e a realidade social.

Discutirei a concepção de controle tendo como referência a definição utilizada pela teoria social, isto é, entender a idéia de controle social como mecanismo de poder disciplinar que interfere no comportamento dos indivíduos para fazê-los sujeitar-se a determinadas condutas.(Foucault, 2001). A idéia é descrever um caso, como dito, alegórico, de um grupo de indivíduos submetidos ao comando de líderes ocasionais na disputa pelo poder, em um contexto bastante específico. Refiro-me ao romance de William Golding *O senhor das moscas*.

Minha hipótese é a de que, ao escrever esse livro, Golding põe o dedo em algumas feridas expostas pelo projeto civilizador inglês dos fins do século XIX. Que projeto foi este? Tratou-se da tentativa de vender a idéia de uma sociedade, raça, valores e cultura sustentadas pela visão de mundo do homem branco, culto, cristão europeu. Para levar adiante esse projeto foi preciso construir um ideal de ciência afinado com os objetivos da nova sociedade burguesa, emergente naquele período. A busca de sua legitimidade ocorreu por meio das leis que privilegiaram, no campo econômico, as relações de mercado, no jurídico, normas e regulamentos oficiais e, na esfera política a *autoridade* do discurso *médico* instituído para *legitimar* padrões de comportamento humano definidos entre o *normal* e o *patológico*. (Foucault, 2001). Nesse contexto, quem estivesse fora do padrão civilizatório europeu, como estavam os negros, mestiços, índios, asiáticos de diferentes continentes, deveriam se submeter à experiência cultural dominante, como porta de saída do mundo da “barbárie”. Ao seguir esse ideal, as classes dirigentes locais conterão de todas as formas as manifestações que viessem a negar a “paz social”, classificando de

criminosos indivíduos, grupos e levantes sociais, a exemplo de Canudos. A força desse movimento de assimilação cultural convertido ao universo de dominação política ganhará o tecido social, com seu porto seguro em algumas instituições sociais, como a escola.

Em que medida o romance entra nessas questões? Como buscarei demonstrar, o romance de Golding, escrito nos anos de 1950, após duas grandes guerras, deixa explícito os limites desse projeto etnocêntrico. De que forma? Na medida em que expõe a experiência de um grupo de meninos, ingleses, colocados na situação de disputa pelo poder em razão da própria sobrevivência. No limite de suas resistências, o bando revela o lado sombrio da natureza humana, face que não se distingue de outros animais. Em outras palavras, essa versão civilizada do homem como protótipo humano a ser copiado, não resiste às primeiras tempestades. Arremessado sobre um ambiente diferente do que foi criado, como no texto em questão, a conduta “cortês”, “refinada” e supostamente normal deste indivíduo dá lugar, na luta pela sobrevivência, aos instintos mais autoritários e primitivos do ser humano. Episódio que mostra a falência do projeto em questão, ao revelar que a camada humana que nos diferencia de outros animais não é estabelecida pela cor da pele, credo religioso ou meio geográfico mas pelos padrões culturais socialmente aceitos.

Da narrativa do autor pretende-se estabelecer pontes entre o descrito, imaginado, a vida real e suas manifestações. A pretensão deste artigo é o de procurar demonstrar, observado os limites, a existência de uma rica contribuição do romance ficcional ao desvendamento sociológico das relações sociais. Objetivamente, buscarei situar alguns episódios do livro, que retratam cenas de disputa pelo poder e violência com a realidade social, descrita por meio de exemplos comparativos. O caminho da discussão que escolhi resvala no da educação no Brasil, na medida em que a alegoria construída por Golding entre o humano e o animal é comparada às gangues das periferias do país, nascidas pela descrença dos jovens no futuro e das falhas do sistema educacional brasileiro.

William Gerald Golding nasceu em 1911, na Inglaterra. Trabalhou como escritor, ator e produtor de teatro até se tornar professor em Salisbury. Em 1940 entra para a Marinha e, após a segunda guerra, volta a lecionar. O *senhor das moscas* é seu primeiro romance, depois viriam *Os herdeiros* (1955) e *Queda livre* (1955), entre outros títulos. No ano de 1980, seu livro *Ritos de passagem* rende-lhe o Booker Prize inglês, um dos mais importantes prêmios literários do mundo. Em 1983, como reconhecimento

pela sua obra, é agraciado com o Prêmio Nobel de Literatura. Golding morreu em 1993, deixando um romance inacabado, *A língua dupla*.

## 2. O ideal de “Homem Civilizado”

Existem algumas agudas contradições do modelo de sociedade construído pela ideologia burguesa do século XIX, fundada no individualismo egoísta de matriz liberal, ideologia baseada no princípio da formalidade jurídica e da autoridade do discurso médico psiquiátrico. Entre outras razões, a autoridade médica tem por objetivo classificar, selecionar, vigiar, silenciar e punir os sujeitos que não se encaixam na normalidade dos padrões do homem branco, europeu e civilizado.

É o que se enxerga no livro de Willian Golding *O senhor das moscas*, escrito em 1954, vencedor do prêmio Nobel, em 1983, e adaptado para o cinema duas vezes, com sua última versão em 1990. O livro retrata a regressão à selvageria de um grupo de crianças inglesas de um colégio interno, presos em uma ilha deserta sem a supervisão de adultos, após a queda do avião que as transportava para longe da guerra. Um clássico! Ao tratar de um público juvenil, a evolução da narrativa evidencia como é fina a camada entre o humano e o animal, quando a educação como via de socialização não consolida uma moral baseada na tolerância e respeito às diferenças. Significa insistir sobre a importância de se compreender a educação não apenas como um processo de desenvolvimento individual, mas envolvido também no conjunto das relações sociais, econômicas, políticas, culturais que caracterizam uma sociedade. (LIBÂNEO, 2002). Curiosamente o dedo de Golding está apontado para o homem branco, europeu, dito civilizado que, pretensamente, recebeu educação completa.

Pois bem, é conhecido o investimento científico antropológico realizado por empreendimentos coloniais europeus que buscavam descrever os “exóticos” costumes dos povos com os quais mantinham contatos, na fase de expansão capitalista.(COSTA, 2005). Esta reação instintiva do protótipo de homem, acima descrito, que salta do patamar de uma suposta compreensão racional do mundo para o irracional, não acontece somente pela possibilidade de ruptura de fronteiras entre o homem e a fera ao habitar um ambiente hostil. A maior motivação para que isso ocorra está no fato de ter havido, em todos os tempos, o distanciamento proposital entre este imaginado modelo acabado de bípede e o homem comum, com suas

singularidades, identidade, seus valores, sua cultura. Distanciamento que não se interessa pelas diferenças, senão para dominá-las, subjugar-las e excluí-las.

Efeito estendido para as novas elites, receptoras do padrão e modo de vida além mar que, como lembrado, nasceu excludente. O controle emerge da dinâmica societária, promovido para o ajustamento através da interação e para o funcionamento do sistema de estruturas sociais. A recepção consensual ou repressiva, configura-se como estratégia para a sua realização.(FERNANDE,1974). A institucionalização da psiquiatria no Brasil, em fins do século XIX, início do século XX, procurou tematizar conceitos como o de civilização, raça, trabalho, fanatismo, contestação política, sexualidade como assuntos privilegiados na construção da noção de doença mental.

As fronteiras da anormalidade, defendidas por psiquiatras, conferiam amplos e difusos limites na classificação patológica.(ENGEL,1999). Afinadas com este projeto, as classes dominantes locais agora temem e precisam se proteger dos negros libertos, das prostitutas, dos operários, movimentos sociais, dos menores de rua, dos favelados, migrantes espalhados pela grande Recife, Salvador, São Paulo, Rio de Janeiro, Belo Horizonte, Porto Alegre... Antes de vê-los como expressão de uma sociedade desigual que expõe suas singularidades como organização social, seu caráter antidemocrático e autoritário, prefere tipificá-los como perigosos e violentos. E assim se construiu o ideal de nação, sua expressão pós-moderna está na existência dos condomínios fechados, na segurança privada nos bairros nobres, nos patrulheiros ou “pé de pato” das periferias. A segregação que alimenta a violência no Brasil está na exclusão que fundou muros reais e imaginários entre as classes sociais. Nessa cadência o espaço da escola pública deixou de formar gerações de diferentes níveis sociais, ficando destinada apenas aos jovens de baixa renda.

Quando a escola se tornou espaço de acolhimento exclusivo de jovens pobres e sem perspectiva além da traçada pela própria classe se impõe exigir a vigilância policial, preferencialmente armada. O retrato imediato dessa concepção de sociedade é o abismo fundado em diferenças que revelam que “De ambos os lados, criam-se medos e preconceitos, que geram a incapacidade de ver no outro um semelhante e facilitam as manifestações de violência.”(SINGER, 2005,p.177).Nota-se então que a regressão que eleva ao nível da intolerância o grupo de criança inglesa do texto de Golding, é produto da concepção que dividiu o humano entre os de dentro e os excluídos. Nos próximos parágrafos farei a descrição sobre a

permanência desse grupo na ilha e a forma como os papéis sociais até então por ele incorporados se desfaz, revelando o lado sombrio da espécie humana. Farei a relação entre ficção e realidade nos termos anunciados e a maneira como a disciplina baseada na sujeição resulta em perda dos laços de socialização.

### 3. Ficção e Realidade

É possível admitir que a recepção de um texto é um fato social, no sentido que marca os limites dentro das diversas leituras que são feitas. Neste campo, da estética da recepção, o resultado da leitura depende do repertório que trazemos como receptores. A ativação do imaginário tem a natureza como produto da imagem, a imaginação manifesta-se e se revela no movimento de jogo que realiza com o que mobiliza.(BIONDO, 2003). Nesse percurso, o imaginário é concebido como uma atividade da consciência que influencia o inventado. O imaginário não é uma peça congelada, mas uma criação contínua, sócio-histórica. A ficção encontra terreno na imaginação do possível histórico.

Todo filme repousa, é claro, sobre uma história, com personagens e situações [e tentativas] aproximadas do mundo real [...] o potencial artístico de um bom filme [...] reside, sobretudo, na possibilidade de a linguagem criada estabelecer com o espectador um nível profundo de comunicação intelectual, filosófica, emocional (TREVIZAN,1998, p. 98).

Talvez, pela capacidade de dizer muito de uma forma simples, *O Sr. das Moscas* desperta tanto interesse como produção.<sup>3</sup> Publicado em 1954, após a recusa de 21 editoras, o livro de William Golding (1911-1993) vai para o cinema através da iniciativa do genial diretor Peter Brook que, em 1961, embarca com 30 garotos em um avião rumo a Porto Rico e dá início às gravações. Pelas mãos de Brook, com um orçamento super curto, o texto de

---

<sup>3</sup> Baal – Zebub, em hebraico Belzebu significa “ Senhor das Moscas”. No evangelho aparece como “príncipe dos demônios.” Belzeboonet. com

Golding tem sua primeira versão rodada em preto e branco e é considerado um clássico do cinema.

A história, como já me referi, trata de um grupo de garotos que vai parar numa ilha tropical deserta, após o avião em que viajavam se acidentar. Nela, procuram reconstruir um projeto de civilização com valores de sua própria sociedade. Na evolução da narrativa intercala-se a relação entre a ficção e a realidade. Longe dos códigos que regulam os adultos, esses jovens terão que inventar uma nova civilização, provida pelos recursos naturais e suas limitadas experiências humanas. Encontram na beira da praia uma concha de tamanho vantajoso e de formato peculiar que, ao ser soprada, repete o som de um instrumento musical. Ainda ligados aos valores da civilização distante, elegem em assembléia um líder e enfrentam as dificuldades em negociáveis entendimentos. Com sua capacidade sonora estridente, a concha é utilizada para convocar reuniões do grupo; quem tiver sua posse tem a palavra, esta é a regra.

O que parecia o reino da harmonia situado no “paraíso do bom selvagem” se estilhaça pelo efeito dos interesses divergentes. A disputa pelo poder é a bomba relógio que dinamita o entendimento e sela a desordem. Na sociabilidade erguida pelas relações capitalistas, o poder se exerce e se impõe nem tanto pelo exercício da força e sim pela produção organizada dos discursos. O desentendimento entre os jovens acontece pela razão de alguns acreditarem que serão resgatados e outros duvidarem desta possibilidade. Apagam-se as luzes, cerra-se o palco, dividem-se os atores. Divididos agora em dois bandos; um, chefiado pelo pacato Ralph e, o outro, conduzido pelo violento Jack. Os líderes, então, passam a estabelecer regras. A separação iminente entre eles, finda no consenso de se manter uma fogueira ininterruptamente acesa a fim de estabelecer sinais de vida para quem vier a se interessar. O primeiro procura manter as leis constituídas no mundo em que fora educado. Sua liderança reclama a união, busca de entendimento para os fins do resgate do grupo. Divididos em tarefa, o coletivo cumpre as normas determinadas pelo chefe, com o fim de alcançar os objetivos da empresa e mantê-los vivos. Ao lado de Ralph, sempre apelando para a sensatez quanto aos passos a serem dados pelo grupo está Porquinho, figura inteligente e engraçada, aliada de todas as horas.

A divisão de obrigações entre eles rende-se à organização hierárquica e burocrática por nós conhecida, que seleciona e individualiza os sujeitos como marca da divisão social do trabalho. Não que a ordem das coisas deva seguir o script da sagrada comunidade ocidental, mas sua

fotografia repousa no inconsciente de Ralph como roteiro da boa conduta. Assembléia vazia, constituída por um insignificante número de participantes. Olhares entrecortados e espantos, morte da democracia? Acredito que o esvaziamento da assembléia como resultado da corrosão das regras dentro do grupo é o alerta para um paralelo sobre a corrosão das próprias instituições sociais fundadas sobre o princípio da hierarquia e da autoridade tradicionalmente constituída. Podemos compreender essa questão situando o assunto em outra perspectiva, como o da realidade educacional.

Muito se fala atualmente sobre a perda de espaço da família e do reduzido alcance da escola na formação das novas gerações. O que se observa é que o produto desta situação é o aprofundamento da violência entre os jovens. Pesquisa feita pela Organização das Nações Unidas para a Educação, Ciência e Cultura entre alunos, pais e professores em 14 capitais do Brasil tratou deste tema (ABRAMOVAY; RUA, 2002). O sentimento de insegurança confirmado pelo levantamento é generalizado, atinge tanto escolas públicas como escolas privadas. Entretanto,

[...] um dos resultados mais interessantes da pesquisa foi que, para além dos casos de violência mais enfatizados pela mídia, o maior problema apontado por 80% dos professores e 85% dos próprios estudantes é a indisciplina. Ou seja; buscando enfocar o tema da violência em sua versão mais difundida pelos meios de comunicação de massa - a da criminalidade violenta - os pesquisadores depararam com uma outra violência, quase sempre esquecida: a violência da instituição escola à qual se contrapõe, como resistência, a indisciplina.(SINGER APUD SCHILLING, 2005, p.178)

A famosa bagunça, forma característica da indisciplina é resistência à classificação e à vigilância de autoridades como professores, diretores e policiais que desclassifica, rotula e humilha para melhor controlar o aluno. Creio que Golding expressa neste texto sua descrença na bondade inata do homem e em sua capacidade de criar um mundo melhor, por isso ele trata de abordar a inocência perdida ao construir uma fábula com ecos bíblicos. O “*Senhor das Moscas*” é “Belzebu”, o príncipe dos demônios citados por Mateus. A identificação a Lúcifer transfere para o homem o caráter invertido dos valores cristãos, consagrados no velho continente. A truculência juvenil

do grupo de caçadores deixa um rastro de destruição que termina com caçadas humanas e assassinatos.

Pintam a face e apoderam-se de armas à procura de presas que circulam pelo interior da floresta. A primeira vítima é um porco selvagem que é decapitado e a cabeça, troféu erguido sobre lanças. Assustados pela temor de um suposto monstro que habita o local, belzebu?, inflamados pela energia de Jack, que domina um ritual de passos e ritmos circulares ao redor de uma fogueira noturna, o grupo avança com lanças em punho em direção a um vulto luminoso que se aproxima deles. Ao raiar do dia descobrem que a fúria insana descarregada sobre o desconhecido havia resultado no assassinato de Simon, cujas revelações místicas assustavam o bando.

O desenho no rosto, espelho de uma máscara, esconde o humano e consente a liberação dos instintos. Livram-se os freios que condicionam as regras produzidas por valores socialmente aceitos. A ruptura de valores produz diferentes manifestações, como o da gangue dos “Intocáveis”, composta por jovens pobres da periferia do bairro de Sacramento, na Grande Belém, Pará. Nela, as recorrentes brigas e disputas com outros grupos ocorrem por espaço de pichações. Quando acontece confronto com a polícia, as mulheres que participam do movimento geralmente são jogadas como “iscas” para facilitar a fuga dos jovens envolvidos. (SOUZA apud DINCAO,1999). Demonstração perversa da relação de gênero, reveladora de como no interior dos próprios grupos estigmatizados encontram-se e se reproduzem hierarquias de comando e submissão.

#### **4. Algumas possíveis relações**

Carregado de simbolismo, o livro repõe outras peças, quando comparada a alegoria ao campo político e social que seus personagens representam. Neste sentido, Ralph é, como já foi dito, a figura do governo, da ordem e responsabilidades construídas em solo europeu que tem no homem branco a matriz civilizadora do continente. Integra a concepção dominante sobre a qual está constituída a disciplina obediente e servil às leis e regras que fazem a sociedade funcionar sobre o reino das desigualdades e exclusão. Porquinho ao agir sob o princípio do discernimento e da razão reproduz os valores construídos pela ciência racional que atua revestido pelo movimento do discurso da verdade.

Jack representa a ruptura desta ordem para outro extremo da condição humana, o da barbárie. Por que Jack que representa a ruptura da ordem não significa no texto uma alternativa entre as extremidades? Primeiro, pelo fato de que o modelo civilizatório construído pelo mundo burguês não estabelece vínculos de aproximação com outros povos, senão para excluí-los. Segundo, pelo caráter pessimista de Golding em relação ao ser humano. Tanto que *O Senhor das Moscas* pode ser a representação do mal, escondido no coração de todos nós. Golding foi militar, viveu intensamente a experiência da Segunda Grande Guerra mundial. Participou da perseguição e afundamento do navio alemão *Bismark* e também do desembarque das tropas aliadas na Normandia, pôde perceber as profundas motivações que levaram ao confronto entre as nações, o nazismo. O consenso que se estabeleceu entre as duas facções sobre a manutenção do fogo, não se esgota no objetivo de sinalizar o pedido de resgate. Simbolicamente, aponta a luz que Golding via na própria juventude e que deveria despertar as chamas de um novo mundo, construído sobre o chão da tolerância, do respeito e da diversidade, apesar do ceticismo.

## 5. Referências Bibliográficas

ABRAMOVAY, M. & RUA, M.G. **Violência nas escolas**. Brasília - UNESCO, 2002.

BIONDO, G.J. Conferência: “A relação do texto e da imagem”. In **Colóquio Tetrart**. Dracena – FUNDEC 14-16 maio 2003.

BRUNI, J.C. “Foucault: o silêncio dos sujeitos”. In **Revista Tempo Social**. São Paulo: USP, 1989 1(1): p.199-207.

CANETT. E. **Massa e poder**. São Paulo: Cia das letras, 1995.

CARVALHO, J.M. **Os bestializados**. São Paulo: Schwarcz, 2000.

COSTA, C. **Sociologia**. São Paulo: moderna, 2005.

Curso de Extensão: **Visões do totalitarismo no cinema**. Realização Deptº de Sociologia – FCL – UNESP – CAR. 08 abr. – 10 jun. 2003

D'INCAO, M.A (org) **Sociabilidade: espaço e sociedade**. São Paulo: Grupo Editores, 1999.

ENGEL, M.G. **As fronteiras da anormalidade: psiquiatria e controle social**. História, Ciência e Saúde. Nov. 1998/Fev.1999, v.5 nº3 p.547-563 ISSN 01045970.

FERNANDES, F. "O conceito de controle social e sua aplicação na sociologia". In **Elementos de sociologia teórica**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1974.

**Folha de S. Paulo**. Caderno Mais!. 1 jun.2003, p. 4 – 17.

FOUCAULT, M. "O panoptismo" In **Vigiar e punir** – nascimento da prisão. Petrópolis: Vozes, 2001, p.162-192 **Microfísica do poder**. Rio de Janeiro: Graal, 1982.

GOLDING, W. **O senhor das moscas**. Rio de Janeiro: Globo, 2003.

HUXLEY, A. **Admirável mundo novo**. Rio de Janeiro: Dinal, 1969.

LIBÂNEO, J.C. **Pedagogia e pedagogos, para que?** São Paulo: Cortez, 2002.

MARQUES, G.G. **Cem anos de solidão**. Rio de Janeiro: Record, 2002.

MERTEN, L.C. "Terror e humor para ninguém botar defeito" In. **O Estado de São Paulo**, 12 dez. 1997.

MISKOLCI, R. "Nietzsche e Wilde – fragmentos sobre a subversão dos valores" In: **Itinerários Araraquara**, Pós-Graduação em Estudos Literários, vol.11, 1997, p.219-261.

ORWELL, G. **1984**. São Paulo: Cia Ed. Nacional, 1987.

**Retorno ao admirável mundo novo.** São Paulo: Hemus1959.

REVISTA **Caros Amigos.** Ano VI, nº70, jan.2003.

REVISTA **Caros Amigos.-** Exemplar especial. Ano VI, nº17, jan.2003.

REVISTA *CUT* "**Dossiê Carandiru**". Ano VI nº 68, abr. 2003.

SCHILLING, F. (org) **Direitos humanos e educação.** São Paulo: Cortez, 2005.

SINGER, H. Direitos humanos na escola: a escola democrática. In: SCHILLING, F. (org) **Direitos humanos e educação.** São Paulo: Cortez, 2005, p.177-185.

TREVIZAN, Z. **As malhas do texto.** São Paulo: Cliper, 1998.

## **Filmografia**

**A Vida é Bela. Filme.** Direção: Roberto Benigni. Distribuição: Videolar Multimídia Ltda, 1997,VHS, 116 min.,col, som, v.inglês, legendado para português.

**A Ilha do Dr. Moreau.** Filme. Direção: John Frankenheimer. Distribuição: Cinegrafia Gipsy, 1996, VHS, 100 min., col, som, v. inglês, legendado para português.

**O Senhor das Moscas.** Filme. Direção: Peter Brook. 1990, VHS, col., som, v. inglês, legendado para português.

**Blade Runner.** Filme. Direção: Ridley Scott. Distribuição: Warner Bros, 1997(?), VHS, 117min., col., som, v. inglês, legendado para português.

**Robson Crusoe.** Filme. Direção: George Miller e Rodney K. Hardy. Distribuição: Miramax Internacional, 1997, VHS, 116 min., col., som, v. inglês, legendado para português.

**O Quarto Poder.** Filme. Direção: Costa-Gravas. Distribuição: Warner Bros, 1997, VHS, 115 min., col., som, v. inglês, legendado para português.

**Canudos.** Filme. Direção: Sérgio Resende. Distribuição: Columbia Trister, 2001, VHS, 169 min., col.,som, v. português.

**Carandiru.** Filme. Direção: Hector Babenco. Distribuição: Columbia Trister, 2003, VHS, 147 min., col., som, v. português.

**Bicho de Sete Cabeças.** Filme. Direção: Lais Bodanzky. Distribuição: Columbia Trister, 2000, VHS, 88 min., col., som, v. português.